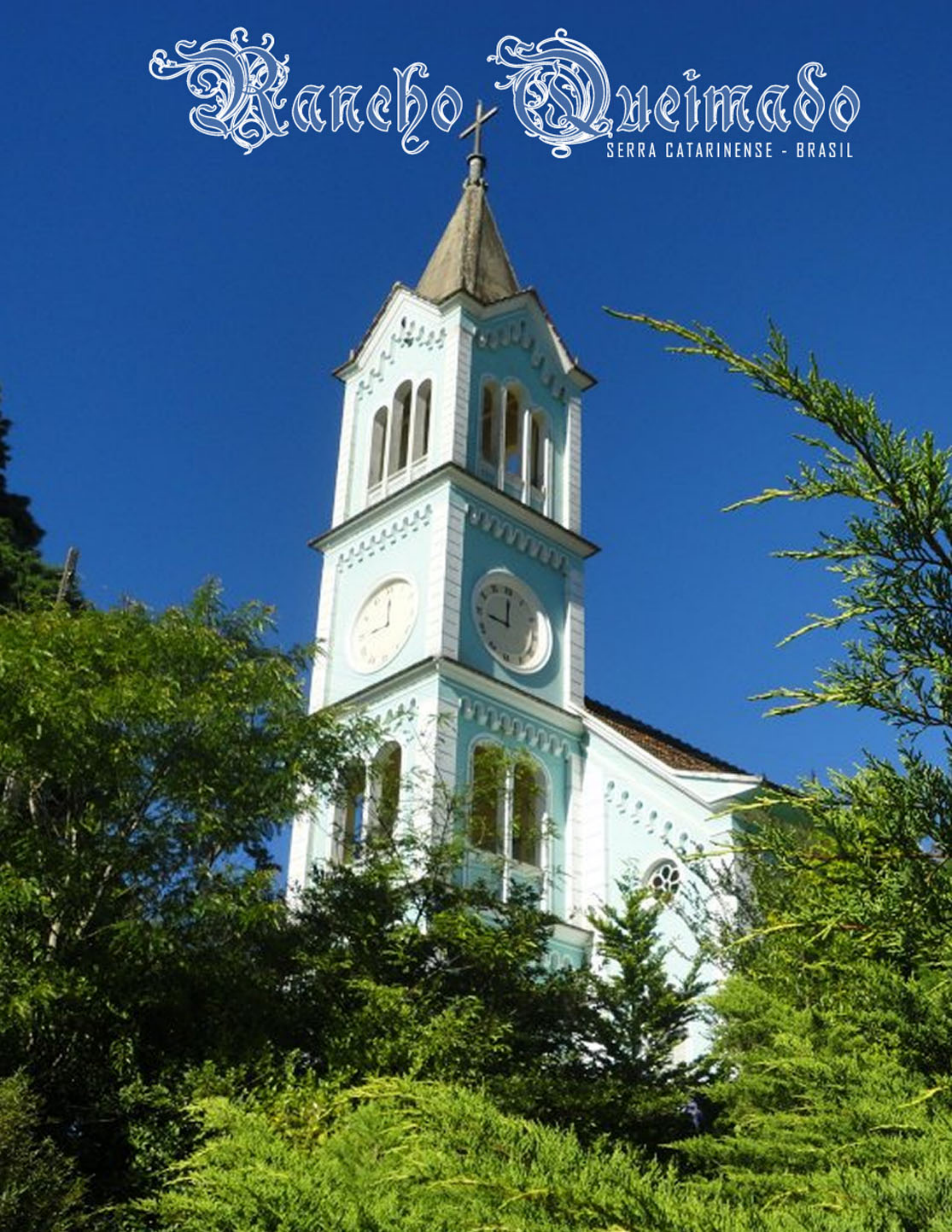


Rancho Queimado

SERRA CATARINENSE - BRASIL





O nascimento dessa revista não poderia ser mais propício. O município é a capital catarinense do morango e um destino indutor de turismo; ou simplesmente: RANCHO QUEIMADO - SERRA CATARINENSE/BRASIL.

A revista RANCHO QUEIMADO pretende valorizar todo o potencial turístico, artístico e humanístico que essa pequena cidade tem; valorizar os moradores daqui, a sua arte e os seus ofícios; valorizar e apresentar as experiências de todos que construíram e constróem esse legado - Patrimônio -, que é herdado e ressignificado, perfilando a Identidade de sua população.

Rios, cascatas e cachoeiras; serras, vales e montanhas; festas, feiras e eventos; flores, morangos e outros frutos; museu, cultura e História. Você encontra em Rancho Queimado - Serra Catarinense/Brasil. É isso!

Jonei Bauer

Textos:
Jonei Bauer
Saty Matos
Sinome Curi

Imagens:
Celi Aurora
Cilane Bauer
Fabio Franz
Jonei Bauer
Leonardo H. Lemos
Saty Matos
Sônia Novaes
Toni Jochem

Arte, diagramação e revisão:
Jonei Bauer

Edição:
Jonei Bauer
Saty Matos

Editorial

2

Apresentação

5

Rancho Queimado. Muito mais...

6

Contato com a Natureza

8

Tempero Especial

12

Espetáculo

14

Charme

18

História

20

Cultura

24

Tranquilidade

26

Conto

28

legado

32







Rancho Queimado

SERRA CATARINENSE - BRASIL



Apresentação

No início da década de 90, Taquaras começou um movimento que a despertou: Taquaras, antes que seja tarde! O crescente êxodo rural e as precárias condições do agricultor eram preocupantes e a cidade se esvaziava. Liderados pelas mulheres da comunidade, fez-se ações que transformaram significativamente a História do município: o morango começa a ser cultivado, surge a Festa do Morango e propõe-se o desenvolvimento por meio da indústria sem chaminés – o Turismo.

O Roteiro Turístico de Taquaras sugeria que o visitante chegasse à cidade via BR 282 começando pela Boa Vista, onde poderia contemplar a vista panorâmica e apreciar as belezas que aquele lugar, ainda tão desconhecido reservava...

Mais adiante, seguindo pelo Portal de Taquaras, logo o turista perceberia a razão do nome da comunidade. A planta conhecida por taquara se sobressaía por todas as matas, vale abaixo. E num piscar de olhos, do alto da montanha, surgia Taquaras.

Monumento ao Tropeiro – primeiro no país, casas multicoloridas com jardins bem cuidados, igreja no alto da colina... A beleza que este lugarejo tinha já denunciava o potencial turístico que teria!

Visitar o Mato Francês era a próxima recomendação do roteiro. A comunidade era e ainda é o maior celeiro agrícola do município e lá o viajante teria a oportunidade de comprar direto do agricultor queijos e derivados, legumes, verduras e o morango!

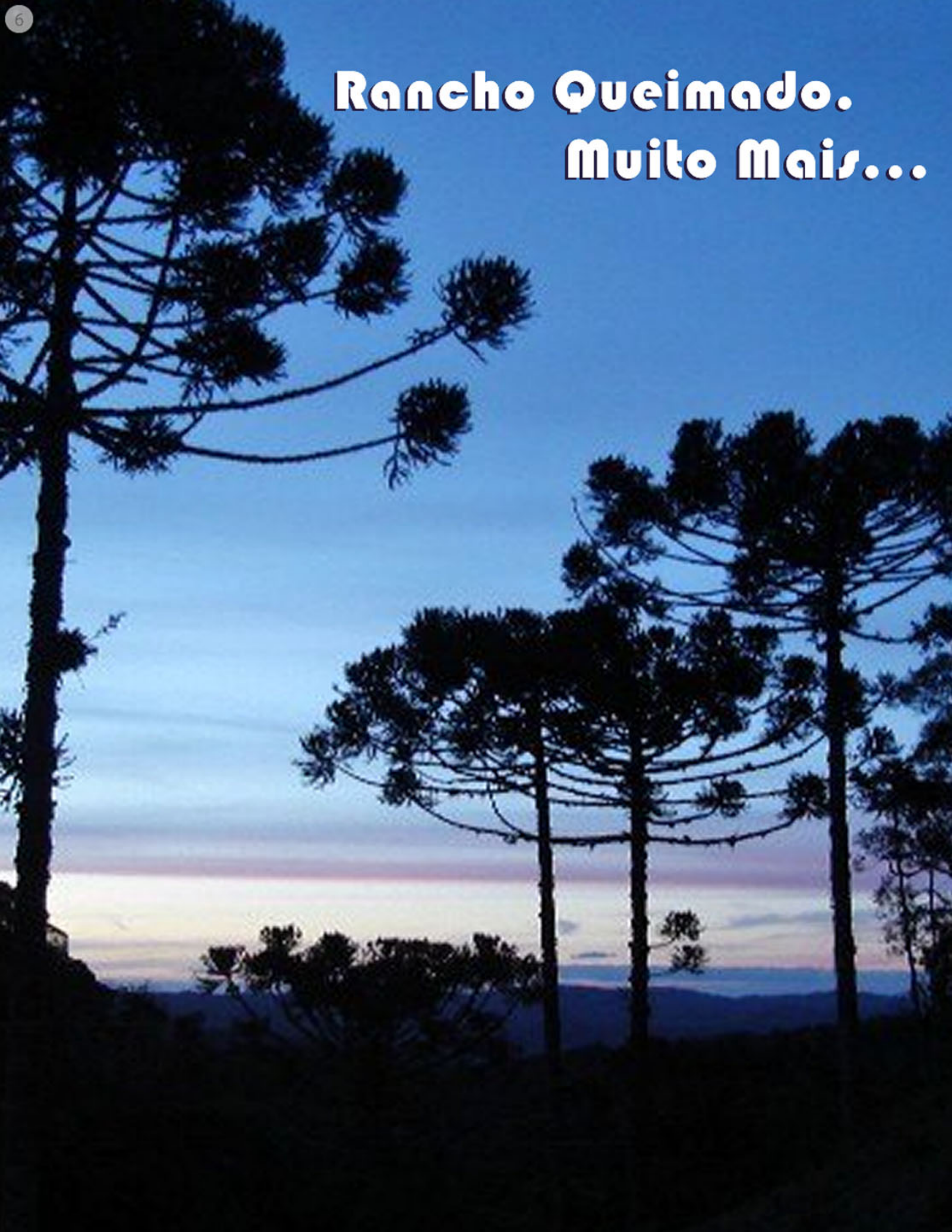
Já reconhecido como patrimônio estadual, o Museu Hercílio Luz se destacava na localidade de Taquaras, servindo de cenário para filmes. Em frente ao museu, a Igreja Católica construída pelo governador em homenagem a sua esposa também era parada obrigatória.

Mais segredos Taquaras revelava: um engenho colonial que produzia farinha, melado e vinho de laranja; um sítio arqueológico que era a morada dos indígenas – a Toca dos Bugres e por último, recomendava-se uma visita ao Rio Bonito onde poderíamos contemplar a cachoeira que sempre foi um dos maiores postais da cidade!

Muitos anos se passaram desde a apresentação desse roteiro turístico, mas podemos perceber a contemporaneidade dele. Hoje muitos atrativos surgiram e foram incorporados: a indústria sem chaminés vingou e é a locomotiva do atual desenvolvimento do município!

Rancho Queimado é muito mais que isso!

Rancho Queimado. Muito Mais...





Rancho Queimado é uma cidade muito mais que encantadora. O Charme das ruas floridas, os detalhes da arquitetura, o aconchego das pousadas, hotéis e sítios, o requinte e a diversidade da gastronomia, a qualidade dos produtos e serviços, a originalidade das colônias, a hospitalidade das pessoas, o cheiro da natureza, enfim, tudo em Rancho Queimado parece conspirar para que se viva momentos únicos de prazer.

Rancho Queimado é bela por natureza, mas contou com a força dos alemães que colonizaram a região e ajudaram a torná-la muito mais do que charmosa. Aqui você encontra todos os motivos para se sentir bem e desejar voltar sempre.



**muito mais
que
contato com
a natureza**





Para quem gosta de conhecer novas culturas, Rancho Queimado oferece roteiros de agroturismo imperdíveis. O meio rural possui peculiaridades que tornam estes locais únicos, eles guardam a essência da cultura alemã, preservada pelos descendentes dos primeiros colonizadores. Num passeio até as áreas rurais de Rancho Queimado, você é recebido pelos colonos com a hospitalidade, simpatia e boa conversa.

Os amantes da natureza não podem deixar de fazer um roteiro de agroturismo, pois é nas colônias que se escondem as paisagens mais bonitas de Rancho Queimado. Uma caminhada ecológica pelas trilhas ou até mesmo uma volta de carro pelas comunidades, são opções imperdíveis para um passeio inesquecível. Rancho Queimado é muito mais do que contato com a natureza, é contato com as raízes de seus colonizadores.





Município situado a cerca de 45 quilômetros (em linha reta) da costa catarinense, sofre com a ação dos ventos vindo do oceano, que trazem consigo certa umidade, exercendo influencia sobre a vegetação do local.

O clima da região é temperado, com chuvas regulares e estações relativamente bem definidas: o inverno é normalmente frio, com geadas frequentes e até neve em algumas ocasiões mais raras, e o verão razoavelmente quente. As temperaturas chegam até 32 °C no verão, já no inverno podem atingir temperaturas negativas.

Esta vegetação que recebe sal e umidade vinda do mar recebe o nome de Mata Atlântica. A Floresta Atlântica ocupa (ou ocupava no passado) uma faixa em torno de quase toda a costa brasileira, do Rio Grande do Sul ao Rio Grande do Norte.

Essa formação vegetal é caracterizada por árvores de até 30 metros de altura na sua maioria de folhas largas e verdes. Também abriga grande variedade de bromélias, orquídeas, cipós, e algumas espécies de palmeiras.

Os ecossistemas que compõem a Mata Atlântica são Floresta Ombrófila Densa, Floresta Ombrófila Aberta, Floresta Ombrófila Mista, Floresta Estacional Decidual, Floresta Estacional Semidecidual, Campos de Altitude, Mata Nebular, Mangues e Restingas.

Falaremos apenas sobre os ecossistemas encontrados no município em questão, começando pela formação vegetal que compõem a maior parte do município.

Floresta Ombrófila Mista

Floresta ombrófila mista, também chamada de Floresta de Araucária, é um ecossistema encontrado normalmente em altitudes elevadas, contendo espécies angiospermas, mas também coníferas. Compõem a maior parte do município de Rancho Queimado.

Floresta Estacional Semidecidual

A floresta Estacional Semidecidual (Mata semicaducifólia) constitui vegetação típica do bioma Mata Atlântica, onde parte de suas árvores perdem parcialmente ou completamente suas folhas no período de inverno (período mais seco). Temos como exemplo dessa vegetação as seguintes árvores encontradas no município: Cedro (*Cedrela fissilis*), Ipê-Amarelo (*Tabebuia alba*), entre outras.

Campos de Altitude

Campos de Altitude é um ecossistema do bioma Mata Atlântica que ocorre acima dos limites de ocorrência da floresta, onde predominam rochas expostas e vegetação rasteira formada, principalmente, por gramíneas e muitos líquens. Frequentemente as espécies arbustivas baixas ocorrem esparsamente em meio ao denso tapete formado por gramíneas. Por se tratar de uma vegetação isolada geograficamente possui um alto grau de biodiversidade e endemismo. Esse tipo de vegetação é encontrado no alto da Boa Vista, ponto mais alto do município, que tem suas espécies correndo alto risco de extinção decorrente da expansão do plantio de pinus, das queimadas e do gado.

Mata nebular

A Mata nebular, é encontrada no município de Rancho Queimado nas encostas da Serra da Boa Vista assim como nas suas depressões úmidas situadas em meio aos campos de altitude. Geralmente está inserida em ambientes saturados de umidade e condensação decorrentes de massas de ar que se deslocam a partir do mar ou próxima a água corrente. A vegetação é baixa, densa, com dossel entre 5 e 10 metros, recoberta de epífitas, orquídeas (ex. *Sophranitis coccínea* e *Oncidium* spp), bromélias, musgos e líquens, sendo comum em solos pedregosos, cumes de elevações e beiradas dos paredões de basalto e cânions.

“Os campos verdes cheios de gado,
em bom estado a plantação.
É o que vejo e mais desejo,
prosperidade pro meu rincão.”

Felícia Schütz



**muito mais
que um
tempero especial**





As especificidades da arte culinária alemã estão nos ingredientes e em suas combinações, no modo de cozinhar, nos sabores e na consistência. Mais que apenas o “segredo” do saber fazer (*sauve faire*), a particularidade com que se seleciona os ingredientes, capazes de modificar o sabor e a propriedade dos alimentos, resulta no sucesso da receita.

Um dos pratos recorrentes à cultura alemã é o bolo Kuche (cuca) – massa coberta por uma farofa crocante, à base de manteiga – vendida como uma tradicional e genuína receita. É importante saber até quando, em que medida e onde a tradição da culinária alemã mantém-se vívida e/ou fiel.

Diz-se típico, todo o produto que pertence a um determinado grupo, afirmando a veracidade e reafirmando a similaridade étnica; tradição é o que um mesmo grupo social compartilha, passando e aprendendo de geração em geração, salvaguardando as artes e os ofícios dos saberes; autêntico é tudo que se mantém fiel às suas origens, não sofrendo alterações ao longo do tempo.

A partir dessa análise podemos perceber que a Kuche é uma invenção na culinária alemã. Trata-se, portanto, da invenção de uma tradição. Originalmente a receita pode ter sua origem na Alemanha, porém se tornou típica entre os imigrantes, aqui no Brasil, que incorporaram à receita produtos que no país-origem não existiam – a Bananen Kuche (cuca-de-banana) é um bom exemplo.

O cardápio das confeitarias, cafés e bistrôs colocam em xeque a questão de que a Kuche tradicionalmente seja um prato exclusivo alemão. O produto está acessível a todos independentemente de descendência étnica.

Como elo com a culinária alemã podemos destacar o ingrediente-mor da receita: a manteiga. Desde a Idade Média, as elites daquele país encontraram na manteiga um meio de se distinguir do restante da sociedade. Os registros de receitas da nobreza da época assinalam a ocorrência do abuso desse ingrediente, sendo o diferencial no sabor de sua culinária.

Talvez, por isso, a Kuche que hoje se produz em regiões de origem alemã seja tão especial, tão mais saborosa: ela se mantém autêntica aos segredos da “vovó Alemanha”. As doceiras usam e abusam da mais saborosa manteiga!

Assim se reinventam e se reinterpretem culturas. Típica ou não; tradicional ou não; autêntica ou não, a Kuche é um bolo recorrente hoje à cultura alemã. Reinventada e reinterpretada, atualmente a atração é a Erdbeere Kucche (cuca-de-morango). Vale lembrar que na Idade Média, diferentemente da manteiga, os morangos eram considerados vulgares, pois seus frutos eram rastejantes e à época, quanto mais alto se encontrava o fruto, maior o seu valor de nobreza!

A tradição é afirmada pela sociedade quando ela reconhece um produto com algo característico de um determinado grupo étnico. É o que ocorreu com a Kuche. Originária ou não da Alemanha, é sem dúvida alguma o bolo mais autêntico e genuíno das cidades que tiveram seus primeiros habitantes vindos daquele país.



HOBSBAWM, Eric & RANGER Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

FLANDRIN, Jean-Louis; e MONTANARI, Massimo, *Histoire de l'alimentation*. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1996.

**muito mais
que
espetáculo**





Em seus trabalhos, Foucault, cunhou a noção de que não existe natureza nos objetos culturais e intelectuais. Os fenômenos culturais passaram a ser entendidos como resultado de um processo de construção. A palavra invenção, que era reservada para as descobertas tecnológicas, ultimamente tem sido usada para descrever diversos fenômenos históricos, tais como a infância, a adolescência, a velhice, a maternidade, a subjetividade, a sexualidade, a identidade, a nacionalidade, a região, etc, tidas como criações culturais.

Eric Hobsbawm menciona a "tradição inventada", mostrando que estas são reações a situações novas que, ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição. Inventar tradições significa criar rituais e regras que busquem traçar uma continuidade com o passado, criando uma memória que funciona como um estoque de lembranças. Nem tudo que a "tradição inventada" abarca é realmente passado; várias de suas manifestações são recentes, mas surgem para as pessoas como algo há muito existente.

Agora, contextualizado, justifico a invenção de uma tradição: a Festa do Morango de Rancho Queimado. Da mesma forma que a cultura, a festa (que se diz germânica) é uma obra em movimento. Como num romance ou num poema, há um trabalho de re-criação de elementos constitutivos da vida cotidiana, difusos entre o que é visível, palpável, e o que é imaginário, criado de imagens, representações, sonhos, histórias, tradições – "tradições inventadas" -, espírito de comunidade, de passado comum.

A alma da festa não tem música alemã; as cores da festa não são alemãs, tão pouco comidas, apresentações e tantas outras invenções de apelo germânico. Trata-se apenas de um encontro com uma cultura imagética. O hiper-realismo, formando uma rede de remetimentos, produz uma realidade tão perfeita ao ponto de gritar aos quatro ventos a própria ficção. A reverência kitsch que toma conta dos visitantes excitados por um encontro com o passado mágico, oculta a própria magia deste passado. Magia, porque aparece como mágica, agora, neste instante presente. Vende-se a ideia de que pessoas com trajes típicos vivem dessa maneira; eles estão ali apenas mascarados para aquele momento de festa.

Assim, o espetáculo da cultura se revela ao turista, portanto, como "autêntico". O turista, com seu olhar, comprometido, não se surpreende, apenas se extasia diante da luminosidade dos cenários bem montados prometidos pela propaganda, nos quais não há o que decifrar, porque o que é pra ser visto, já está exposto nos signos e ícones que formam a representação, legitimando o "artificial" como "real".

O encontro com a imaginação é suscitado por todos os sentidos. Um desfile, histórico, presentifica o passado como num texto de História. Mulheres e homens, idosos, adultos, jovens, adolescentes crianças e bebês transformam seus corpos em "manequins", vestidos não só com a indumentária típica da cultura, mas também com os papéis dos sujeitos da história local, como num museu de cera. O desfile se integra à cidade revestida pelos emblemas culturais.

O retorno a um passado encantado é então vivido pelo espectador, que procura por um espetáculo autêntico, e pelos participantes que, por sua ascendência referenciada na imigração alemã, buscam a festa como forma de realizar sua utopia romântica de volta ao passado. Entram em voga as narrativas populares e as lendas. O plágio arquitetônico. Mas os românticos reencontram esse passado da mesma maneira que os humanistas haviam reencontrado a Antiguidade: como definitivamente perdida.

Na Festa do Morango, o passado é avivado, realmente ganha vida, embora para uma nova vida, com outras formas, outras estéticas, outros anseios, outros sons, outros odores, outros paladares, outra história. O passado ganha vida agindo no presente para dar vida a outra forma de vida. Logo, não é um novo romantismo, mas um realismo feito de imagens do passado, as quais reencantam o presente.

E nesse contexto, a festa retoma o passado presentificando-o. O presente é o tempo da valorização do passado dentro da perspectiva do relativismo cultural. É o tempo de um novo folclorismo e da cultura como espetáculo. E o futuro é o tempo da aposta no investimento, a expectativa do retorno de capital. E esse futuro, projetado há vinte anos, é hoje o presente que temos: o invenção de uma tradição – Festa do Morango – deu reconhecimento à cidade, geriu a indústria sem chaminés – turismo, agregou valor ao produto local e elevou Rancho Queimado a destino indutor de turismo no Brasil.

A cultura, sem uma essência apriorística, é um processo dinâmico, incessante, de construção e reconstrução, de invenção e reinvenção. A Festa do Morango, uma tradição inventada, criou uma cidade para ser vendida enquanto imagem. No entanto, os “fazedores” da festa prometeram o retorno da história, da tradição e dos costumes. Num trabalho esmerado de recolha dos vestígios culturais, alguns já extintos e outros ainda vivos, de criação de tradições, de montagens de cenários, compuseram a festa da tradição, amalgamando passado, presente e futuro.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. *Oktoberfest – Turismo, festa e cultura na estação do chopp*. Florianópolis, Letras Contemporâneas, 1997.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. 3 vols. 6ª ed. Rio de Janeiro, Graal, 1984.

_____. *As palavras e as coisas*. 4ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 1987.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo, Vértice, 1990.

HOBBSAWM, Eric & RANGER Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.



Mulheres e homens,
idosos, adultos, jovens, adolescentes
crianças e bebês
transformam seus corpos em
“manequins”, vestidos não só
com a indumentária
típica da cultura,
mas também com
os papéis dos
sujeitos da história local,
como num
museu de cera.





muito mais
que
charme



Rancho Queimado é muito mais que lareira e vinho no inverno. As quatro estações do ano são muito bem definidas e proporcionam verdadeiros espetáculos da natureza. O romantismo que a cidade desperta quando amanhece em névoa pode ser também curtido no outono, quando as ruas formam tapetes vermelho-alaranjados acompanhados por árvores que formam túneis reverenciando apaixonados casais. A alegria e o colorido das flores na primavera também são um convite a abraços carinhosos e longas caminhadas de mãos dadas. Já o verão traz à tona uma energia diferente. Rios e cachoeiras, vales e muita mata formam um especial cenário para quem deseja passar esta época do ano longe da movimentação das praias e redescobrir o prazer de estar junto à natureza.

Para quem pensa que Rancho Queimado o melhor ainda é passar frio, visite a cidade nas outras estações. Você vai se surpreender!




muito mais **que** **história**



"O romantismo
rendeu versos ao
gaudério,
e a história decantou o
bandeirante, mas foram
eles, os tropeiros que
fizeram a integração
desses povoados tão
distantes"

Nilo Bairros de Brum



Passagem dos tropeiros, no denominado "Caminho das Tropas", Alferes José da Costa, em 1787, abriu picada que ligava Lages a Desterro (atual Florianópolis). Devido à extensão do percurso, era necessário o pernoite próximo à região de Boa Vista. Os pousos com barracas ou toldos eram bastante usados pelos tropeiros na improvisação de um abrigo para pernoitar. Montava-se uma estrutura com estacas de madeira e a cobertura poderia ser feita de couros, folhas, tecidos e, mais recentemente, de lonas. Os abrigos eram construídos com poucos materiais, alguns carregados pelos viajantes e outros obtidos no próprio local do acampamento, o que facilitava a mobilidade e a montagem conforme as necessidades do pouso. O historiador Aujor Ávila da Luz descreve assim o acampamento:

[...]Arma-se as barracas próximo de um capão ou abriga-se em alguma tapera abandonada, protege-se a carga e solta-se a animalada. Faz-se o fogo no chão para preparar o café ou a comida e improvisa-se a cama com a "carona", os "enxergões" e os pelegos, servindo o duro lombilho de travesseiro. (LUZ, 1952, p. 53-54).

Somente mais tarde surgiram os galpões, denominados ranchos, onde era oferecido o pernoite, o pasto para os animais e a comida. Segundo relatos dos antigos viajantes, por descuido dalgum tropeiro que não apagou as brasas da fogueira corretamente, o rancho se queimou e a região era referenciada pelo decorrido, dando origem ao nome da localidade e que mais tarde, em 08 de Novembro de 1962, tornou-se o município de Rancho Queimado.

O tropeirismo ainda
hoje está ligado ao
modo de se viver das
pessoas daqui, criando
uma cultura
diferenciada das
demais, ao se
confrontá-la e inseri-la
na cultura germânica.



Quando percorremos o trajeto entre as cidades de Lages, no Planalto Catarinense, até Florianópolis, a capital – antiga Desterro –, podemos observar a variação topográfica que a região apresenta, bem como a diversidade da fauna e da flora pelo percurso. Em tempos passados, esse trajeto foi desenhado e percorrido, pioneiramente pelos valentes desbravadores, que foram denominados de tropeiros. Epistemologicamente falando: a palavra “tropa” significa a reunião de um número de animais de monta ou transporte, eqüinos, muares e asininos, tocados pelos “Troperos”, termo espanhol que passou a ser “Tropeiros” em português. Mais tarde caracterizou também o movimento de tropas de bois, ovelhas, carneiros, porcos e perus, na ideia de rebanho em marcha para as feiras de comércio ou matadouros e invernadas.

O Tropeirismo teve início no Brasil no início do século XVIII e se prolongou até o século XX, mais precisamente até a década de 60, quando o tropeiro foi aos poucos substituído pelo caminhoneiro. No início, o ciclo do luar consolidou o ciclo do ouro e o aparecimento de uma nova camada social com as profissões de ferreiro, seleiro, funileiro, domador, latoeiro, trançador, bruaqueiro e outras mais. A transformação sócio-cultural foi intensa e os pequenos pontos de comércio e as pousadas fizeram surgir várias cidades, exatamente a um dia de cavalgada uma da outra.

Essa informação nos é preciosa, ao analisarmos mais especificamente a origem e a formação da nossa cidade: os tropeiros foram importantes no desenvolvimento da região e se recorrermos à História, veremos que famílias tradicionais daqui tiveram nos seus antecessores um ferreiro, um seleiro, um funileiro, um domador, etc. São profissões ainda vividas e vivenciadas em Rancho Queimado, passadas de geração em geração.

É interessante observar que a distância entre as atuais cidades justificam essa observação, que os povoados se formavam a um dia de cavalgada, um do outro. Excetuando a área metropolitana da capital, que já apresenta a chamada conurbação, o restante dos municípios ainda se encontram distantes entre si. O que os deixou mais próximos foi o progresso: estradas e veículos, no lugar das antigas tropas.

O comércio de animais foi fator determinante para integrar efetivamente o sul ao restante do Brasil, apesar das diferenças culturais entre as regiões da colônia, os interesses mercantis foram responsáveis por essa fusão e indiretamente, pela prosperidade tanto da grande propriedade estancieira dos estados do sul, como de pequenas propriedades familiares, em regiões onde predominaram populações de origem européia e que abasteciam de alimentos as fazendas pecuaristas.

Assim surge também a localidade de Taquaras – última linha colonial da Colônia Alemã de Santa Isabel – miscigenando o imigrante europeu ao caboclo viajante. Juntos, enfrentaram as adversidades da região e confrontaram-se com os nativos, os bugres que aqui já viviam bem antes dessas outras etnias. Surge aí, uma comunidade autônoma, independente, e que configura no cenário histórico catarinense como um grande marco: Taquaras foi morada oficial do governador do Estado de 1911 até o final daquela década, exercendo papel, às vezes, de sede-provisória do governo, conforme evidenciam os documentos da época, que noticiavam a vinda do governador Hercílio Pedro da Luz e dos seus correligionários – que da sua fazenda, em Taquaras, administravam Santa Catarina por vários dias, até o retorno deles a Desterro.

O próprio nome que hoje o município carrega – Rancho Queimado – tem origem com as idas e vindas das tropas que percorriam os antigos “Caminhos das Tropas” e que por aqui tiveram um rancho de pouso, que por descuido dalgum tropeiro queimou e assim ficara referenciada esta região: “o local do rancho queimado”.

Juntam-se a isso as experiências e trocas trazidas e levadas dos tropeiros viajantes por todos os povoados aonde percorriam, mais as lendas e estórias que se ouviam (e se ouvem até hoje) dos bugres daqueles tempos; temos muita História para esmiuçar e ter a partir daí muitas linhas de leitura e de pesquisas. Fica a dica para que outros se aventurem nessa invernada!

O tropeirismo ainda hoje está ligado ao modo de se viver das pessoas daqui, criando uma cultura diferenciada das demais, ao se confrontá-la e inseri-la na cultura germânica. Em Santa Catarina, as homenagens a estes heróis viraram a lei de número 13.890, de 2006, que estabelece o dia 26 de abril, como o Dia do Tropeirismo. E em Rancho Queimado, a comunidade de Taquaras ergueu em homenagem a estes corajosos comerciantes, mensageiros e desbravadores o Monumento ao Tropeiro, que foi o primeiro monumento do país que valorizou a pujança desses, também aventureiros!

LUZ, Aujor Ávila da. *Os Fanáticos. Crimes e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos*. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1952.
SELL, Zélia Maria. Tropeirismo: patrimônio da humanidade. In: *Revista História Santa Catarina*. Ano VI, n. 38. Ed. Leão Baio, 2012. p. 73-83.



muito mais que cultura



A ideia de preservação ainda está atrelada ao papel exclusivo de restauradores, arqueólogos e museólogos – os especialistas do passado. Preservar, restaurar e difundir os bens históricos e as tradições são tarefas da sociedade moderna, que se interessa cada vez mais pela noção de patrimônio cultural e pela própria busca por uma identidade. Buscam-se assim, alternativas para que o passado glorioso de outrora sobreviva às mudanças contemporâneas.

A noção de patrimônio é uma criação de ideologia oligárquica, de um tradicionalismo substancialista. Entender a própria noção de patrimônio requer que compreendamos as relações da sociedade com o passado; requer que examinemos as operações de ritualização cultural. Comunidades, monumentos e museus avivam uma teatralização que se esforça para simular a existência de uma origem, de uma substância fundadora em relação a qual deveríamos atuar hoje.

O tradicionalismo aparece como resistência e para suportar as contradições contemporâneas. À medida que duvidamos da modernidade, vamos recorrendo à busca de algum passado, uma zona de conforto, que consideramos mais tolerável. Dessa forma, comemorar um passado "legítimo" de "essência nacional", à moral, à religião e à família, passa a ser a atividade cultural preponderante. Nesse contexto surge o museu, como um palco para apresentar essa teatralização hierarquizada das noções de cultura, sociedade e patrimônio.

O museu é a sede cerimonial do patrimônio, o lugar em que é guardado e celebrado, onde se reproduz o regime semiótico com que os grupos hegemônicos o organizam. O patrimônio é um repertório fixo de tradições, condensadas em objetos dispostos como num palco. Entrar no museu não é adentrar um edifício e olhar obras, mas também penetrar em um sistema ritualizado de ação social.

Atualmente as mudanças de concepção museal – a nova era dos museus – faz com que tenhamos novas interpretações acerca deles. Como meio de comunicação de massa, os museus podem desempenhar um papel significativo na democratização da cultura e na mudança do conceito de cultura.

Em busca da Identidade, os objetos expostos nos museus ganham uma aura onde são admiradas como obras. Estabelecem uma relação de admiração – estão ali para serem olhados, ganham valores estéticos. Mais que expô-los, os objetos são teatralizados e remontam às cenas que eles nos remetem fazendo assim uma ritualização histórica e antropológica.

A legitimação de uma Identidade – de um patrimônio nacional – leva-nos às investigações sociológicas e antropológicas pelas quais se transmitem os saberes de cada sociedade através das escolas e museus: diversos grupos se apropriam de formas diferentes e desiguais da herança cultural. Há, de certa maneira, uma hierarquia dos capitais culturais, onde arte vale mais que artesanato; medicina científica vale mais que a popular; cultura escrita vale mais que a oralidade, etc. A noção de patrimônio tem o papel de unificar a nação, amenizar as desigualdades da sua formação e compreender a apropriação de certas tradições, numa eterna luta material e simbólica entre as classes, as etnias e os grupos aceitando a heterogeneidade de experiências que elas contém.

O patrimônio cultural funciona como recurso para reproduzir as diferenças entre os grupos sociais e a hegemonia dos que conseguem um acesso preferencial à produção e à distribuição dos bens, dando continuidade entre tradição e modernidade.

Tem-se a problematização, em uma noção de patrimônio, naquilo que se expõe: o que é original, legítimo? Dessa forma, cabe aos museus re-apresentarem os fatos, como num teatro, um simulacro – transportando o espectador a uma verdade inventada. Os objetos, embora originais, pendem a relação com a origem porque estão descontextualizados.

Talvez essa seja a grande solução aos museus contemporâneos, que querem impor as noções de patrimônio nacional – identidade: atrair o visitante para o conhecimento, compartilhar as dificuldades de legitimar o original e autentico e propor soluções para a reconstrução de uma verossimilhança histórica.

Repensar o passado para entender o moderno é uma alternativa, uma vez que não há memória sem passado, e não há passado sem um presente. A harmonia temporal entre passado e presente deve ser entendida como parte essencial à implantação de uma identidade nacional, constituindo assim a noção de patrimônio.

muito mais
que
tranquilidade





Rancho Queimado, agradável cidade de clima ameno – de 10°C a 12°C no inverno e de 17°C a 22°C no verão –, proporciona atmosfera de montanha a pouco mais de 60 km do litoral. Mantém a tranquilidade das pequenas cidades, mas com conforto e boa estrutura turística.

Entre os principais atrativos, destacam-se a gastronomia campeira, os produtos à base de morango – o município é o maior produtor da fruta em Santa Catarina e suas belezas naturais. Um dos admiradores mais ilustres de Rancho Queimado foi o ex-governador Hercílio Luz, proprietário de bela residência no distrito de Taquaras, onde passava suas horas de lazer. A casa de campo transformou-se em um museu, que preserva móveis e utensílios da época, com espaço para comercialização de geleias, licores e artesanato.

O clima de refúgio campestre atrai investidores de outras cidades, que construíram casas de campo em condomínios de luxo. Na cidade funciona também um clube de golfe de padrão internacional.





**muito mais
que
um conto**

Lá em cima, quase na estrada a lavoura abandonada, só as estacas de bambu enegrecido. Desde o último inverno, a lavoura não era mais uma preocupação, nem o gado, nem nenhuma criação. Nada. Ele agora só olhava uma coisa, a terra que já não era a mesma.

Ficou pensando quieto na sala meio aquecida pelo calor que vinha da cozinha, outra vida, outra vida. Outra vida estava aparecendo por ali, o povo da cidade se espalhando pelas terras, outra gente, outro jeito de conversar, de plantar, de levantar as casas.



Olhou para o fogão à lenha que ficava no outro canto da cozinha, quem fez foi o pai, a casa toda, pensando bem, ele apenas ajudou. Tudo quem planejava era o pai, ele ajudava. O pai tinha cabeça, resolvia qualquer problema, de tudo um pouco o pai sabia. Com ele não tinha isso de depois, de muito trabalho, de cansaço. A vida do velho sempre foi o serviço. Ele como filho, ajudava, mas sabia que não tinha nenhum dom especial. Acompanhava o pai, uma sombra quieta.

Ana Rosa gostava do seu homem assim, absorvido pelos próprios pensamentos, meio quieto, meio inquieto. Inquieto porque tinha hora que ele gostava de contar suas histórias. Ele conhecia tanta história, contada pelo outros, inventada por ele mesmo. Ana Rosa, o pai, a mãe escutavam até tarde a fala mansa dele, ao redor do fogão, toda noite, depois de comerem. Pediam sempre a história do leão matado nos matos de Rio Bonito, ele sabia cada detalhe, dos medos e da coragem dos homens. Também gostavam de ouvir a do bugre vingador, que aparecia nas noites frias para vingar a tribo dele...



Quantas vezes pensou em ir embora? Sair pela estrada e esquecer aquela terra?

Na verdade, uma vez só, de verdade. Quando brigou com Ana Rosa, justamente, porque ela desejava outra vida. Uma casa boa, lá na cidade, perto do comércio, longe de toda parentada. Ana Rosa não entendia, não entendia isso dele ficar perto do pai. O pai velho que não oferecia nenhum futuro para eles, dizia quando ficava brava. Por pouco não foram.

Mas era passado, Ana Rosa não existia mais.

Ouviu baterem forte na janela, sem susto, ele se levantou e abriu a porta, parado ali perguntou baixo quem era.

Agora, o silêncio pela casa. Ano cheio de tristeza silenciosa. Só os pios das aves noturnas, o barulho do vento seco, os sons abafados e sem sentido na noite. Dentro da cabeça, silêncio.

Ele se sentia oco por dentro, sem história para lembrar, sem vontade de lembrar, quando deixava o pensamento correr, vinha Ana Rosa, de olhos brilhantes, deitada na cama, quase louca gesticulando no ar, para os espíritos ... Não gostava dessa lembrança, lembrança sem cor, só a danação de dor quente e silenciosa.

Então, ouviu baterem forte na janela, sem susto, ele se levantou e abriu a porta, parado ali perguntou baixo quem era.

- Maninho.

Entraram e sentaram ao lado do fogão, esfregando as mãos, Maninho contou que vinha porque o pai tinha piorado. Berrando feito burro bravo, falava com os mortos, com a finada Sofia, com o Bugre Velho, com Donana, até com o finadinho Juliano. Cena pavorosa de se ver.

Ele escutou, e sabia o que era, o pai lidava na roça com Ana Rosa, a plantação tinha enlouquecido os dois. Agora era a vez do pai, ele já sabia. O pai, meses depois que a nora morreu, caiu cabisbaixo, sem força nem para sair da cama. Maninho levou ele para casa, para receber os cuidados, já que a mãe estava fraca e ele mesmo assim de jeito esquisito, como dizia o Maninho.





Ele acalmou o irmão, dizendo que ia passar, mas ele sabia, ele tinha falado com o médico da cidade, a gente da lavoura ia ... O irmão interrompeu seu pensamento, olha, o pai tá ruim mesmo. Meio perdido com a mansidão dele, não sabia se se fiava em que tudo ia ficar bem. Coçou a cabeça, balançou o corpo magro pra frente pra trás, levantou e disse que já ia, Nadira precisava dele lá. O pai tinha acordado as crianças com a gritaria, ele ia para casa, só tinha vindo para avisar.

Maninho saiu, olhou para o irmão sentado lá dentro, parecia um fantasma. Eta, perder a mulher, eta, quem adivinhava, Ana Rosa tão cheia de vida. Se perdeu no mato escuro, pensando que a família estava se acabando, que Nadira estava esperando, que talvez o pai não passasse daquela noite.

Ele viu o irmão se afastando, levantou-se e fechou a porta. O calor voltou, o pai, Ana Rosa...ele também ia embora, bem cedo, amanhã. Outra vida.



**muito mais
que**

um legado



Em suas memórias, Emma Hatzky, nos transporta por um mundo visto por outros olhos. Pelos olhos de uma visão feminina, porém sem perder a criticidade e a fé. Nas condições mais adversas, onde as necessidades mais básicas faltam ao homem, ela se fortalece. Quando os outros se abatem, ela tem a esperança.

Emma sabe tocar o coração da gente com sua redação simples, mas com vocabulário rico, às vezes poético. A sua sensibilidade permeia os seis manuscritos de duzentas páginas cada, e que deram origem ao livro *Uma mulher do século passado*, traduzido do alemão por sua filha Felícia Emma Hatzy Schütz. Ambas, mãe e filha foram mulheres atemporais e importantes na construção da identidade do povo daqui.

Nas muitas narrativas, chama a nossa atenção, relatos da construção de uma cidade – Taquaras – que em um dos textos intitulado *O homem e o seu mundo*, mostra-nos a persistência e a garra que Teófilo Schütz teve ao idealizar e concretizar seus planos.

“Jacó era o filho mais velho entre dez irmãos. Pai e mãe tinham as mãos calejadas pelo serviço, muita coragem e fé em Deus, como é de costume na colônia, no Brasil... casou-se com uma moça alemã, que se formara nas escolas estaduais de Florianópolis e junto com ela assumiu o comércio do pai, que estava doente e cansado. Os dois irmãos, entraram de sócios.

O movimento, as vendas aumentaram, modernizou também a sua casa e construiu casas para os empregados – a par da sua construiu vinte e uma casas de família, com água corrente que trouxe dos morros, luz elétrica com motores a diesel; os lotes foram aterrados, cercados com estacas, cada um com um quintal e pátio, com um rancho também. Quando tudo estava em construção, um viajante passou e perguntou: – Por acaso vocês estão construindo Brasília? (Era na mesma época). Então o povo batizou o lugar de Brasília Amarela, pois as casas foram pintadas dessa cor.

No pé do morro, atrás da Brasília foi feito o grupo escolar, cujo chão foi doado por Jacó e o governo fez a obra e a ponte, pois a estrada atravessa o rio.

A comunidade resolveu fazer uma igreja nova e Jacó ajudou com o caminhão e ferramentas. Dona Felícia se encarregou das contas, dos protocolos da obra. Ela também dirigia o coral da comunidade e tocava órgão. Quando não havia pastor, ela fazia as orações nos sepultamentos e cultos de leitura. Também foi escolhida a secretária da comunidade evangélica.

A comunidade resolveu fazer uma igreja nova e Jacó ajudou com o caminhão e ferramentas. Dona Felícia se encarregou das contas, dos protocolos da obra. Ela também dirigia o coral da comunidade e tocava órgão. Quando não havia pastor, ela fazia as orações nos sepultamentos e cultos de leitura. Também foi escolhida a secretária da comunidade evangélica.

Depois de mais alguns anos resolveram fazer uma escada na frente da igreja. Dona Felícia fez a planta – são quarenta e nove degraus de concreto que rodeiam um canteiro de grama em forma de coração. Não faltou quem criticasse a obra, mas Jacó colocou-se ao lado da esposa: – Não desacorçoa, termina o teu plano.

A escada está pronta e é o orgulho da comunidade e, com a igreja, dá uma bonita fotografia para o turista levar.

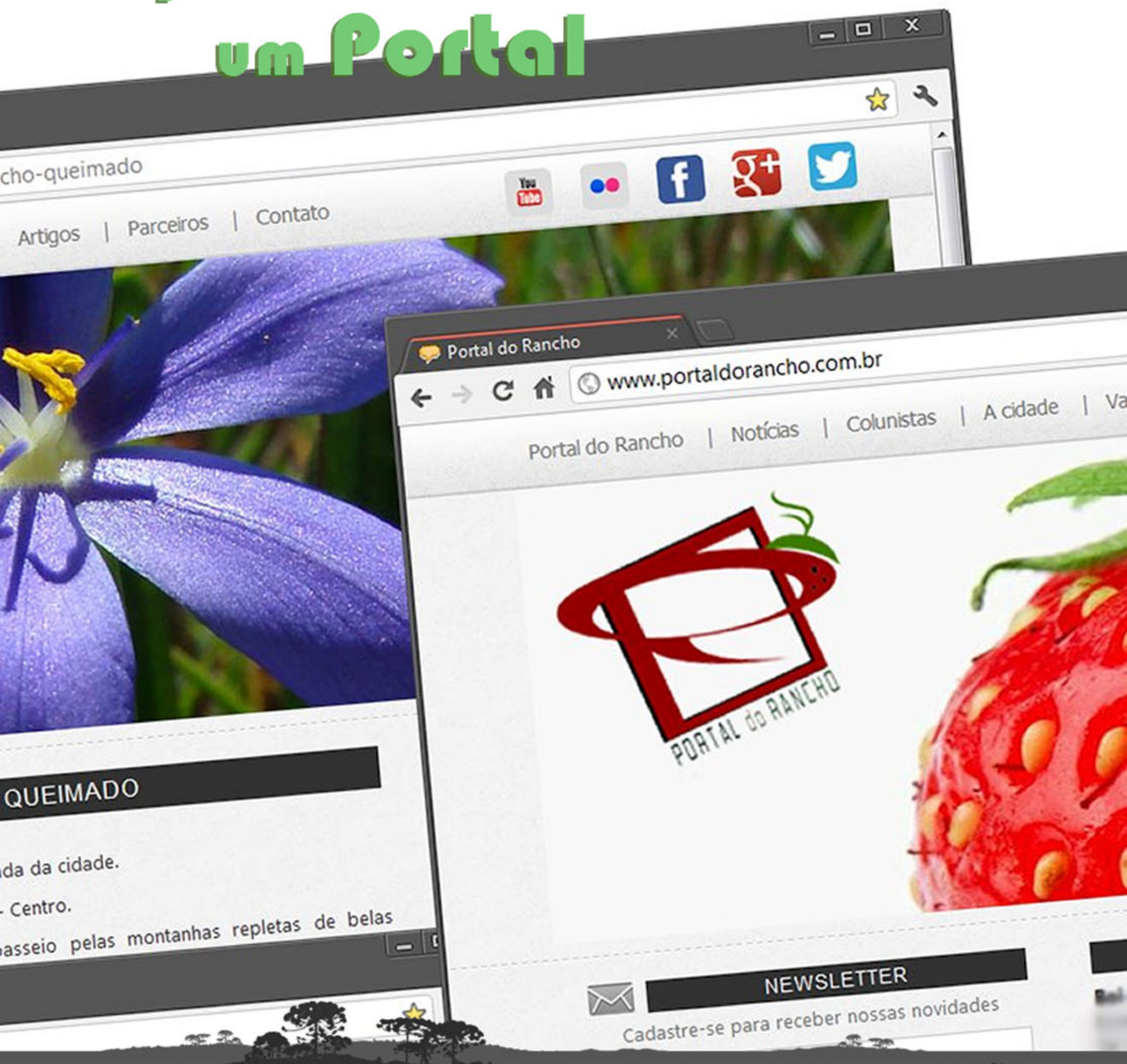
Nesses últimos anos, uma crise no comércio de gado atrapalhou a vida de Jacó. Mas ele não desanimou. O seu mato ia dar madeira para saldar as dívidas. Comprou uma serraria e fez a estrada, a mão, quatorze quilômetros, até o pinhal. A subida levou meio ano, e pelo campo até o fundo do terreno, quase um ano. Há catorze dias os caminhões puxam toras e a serraria está trabalhando.

Assim concluiu mais uma obra na sua vida, que lhe traz satisfação e alegria. Isto só notam os que estão ao seu lado e o amam. – Tem uma coisa dentro de mim que me impulsiona ou me freia, não consigo dominar. Deus deve saber por que me criou assim e não de outra maneira. Palavras do próprio Jacó.”

Resgatar a memória e torná-la a identidade do seu povo é um legado que Emma conseguiu nos deixar e que sua filha Felícia soube dar continuidade, ao traduzir em 1997 as anotações que sua mãe ricamente escreveu ao longo dos tempos.

A obra dessas duas mulheres está intrínseca ao desenvolvimento de uma nova comunidade; de uma nova geração; de uma nova cultura. Emma e Felícia perpetuaram a História da nossa cidade, nessa que é sem dúvida alguma, uma grande obra romântica e epopeica.

**muito mais
que
um Portal**



Rancho

Queimado
SERRA CATARINENSE - BRASIL